

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA
21 e 26 de setembro 2023

THE PRINCE AND THE PAUPER / 1978
O Príncipe e o Pobre

Um filme de Richard Fleischer

Argumento: Berta Dominguez D., Pierre Spengler, George MacDonald Fraser, a partir do conto de Mark Twain / *Diretor de fotografia (35 mm, cor, Panavision)* Jack Cardiff / *Efeitos especiais:* Eddie Fowlie / *Cenários:* Anthony Pratt / *Guarda-Roupa:* Judy Moorcroft / *Música:* Maurice Jarre / *Montagem:* Ernest Walter / *Som:* Roy Charman (misturas) / *Interpretação:* Oliver Reed (*Miles Hendon*), Raquel Welch (*Lady Edith*), Mark Lester (*Edward / Tom*), Ernest Borgnine (*John Canty*), George C. Scott (*Ruffler*), Rex Harrison (*o Duque Norfolk*), **Charlton Heston** (*Henrique VIII*), David Hemmings (*Hugh Hendon*), Harry Andrews (*Hertford*), Julian Orchard (*St. John*), Murray Melvin (*o pagem do príncipe*), Lalla Ward (*a Princesa Elizabeth*), Felicity Dean (*Lady Jane*), Sybil Danning (*Mother Canty*) /

Produção: Ilya Salkind e Alexander Salkind para International Film Production / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 112 minutos / *Estreia mundial:* Londres, 3 de Junho de 1977, / *Estreia em Portugal:* 30 de Novembro de 1977 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

AVISO: devido à chegada tardia da cópia não foi possível elaborar a habitual “folha” de sala. Em substituição propomos um artigo de Gordon Gow, publicado em *Films & Filming* nº 10, Julho de 1977. Pelos eventuais transtornos as nossas desculpas.

Bons profissionais como Richard Fleischer e o diretor de fotografia Jack Cardiff dificilmente poderiam deixar de proporcionar prazeres visuais ao espectador num filme que ressuscita a Inglaterra do século XVI em cenários naturais na Hungria e em estúdio em Londres. Por conseguinte, temos diversos motivos para sermos gratos por esta quinta versão cinematográfica do conto de Mark Twain: a sedução visual compensa a falta de brilho de um certo número de diálogos e algumas incongruidades no que refere os sotaques e o porte dos personagens (como, por exemplo, Ernest Borgnine com o seu ar de *cockney* e Raquel Welch, uma dama inglesa com um bronzado digno da Flórida), como costuma acontecer neste género de filmes.

Trata-se da história de um adolescente de origem modesta, Tom Canty, que por um golpe de sorte troca de lugar por algum tempo com o Príncipe Edward, que é o seu sócia. As vicissitudes do príncipe, atirado pelo destino num meio pobre, são mostradas ao pormenor. O que nunca deixa de fazer efeito é o facto de mostrar lado a lado o mesmo ator em vestes de príncipe e de pobretanas, encantando o espectador quando os dois apertam as mãos numa imagem absolutamente perfeita: não é nenhuma novidade – o efeito é igualmente surpreendente quando Ronald Colman aperta as mãos consigo mesmo na versão de John Cromwell de **The Prisoner of Zenda**, de 1937 – mas continua a funcionar. O duplo papel foi confiado a Mark Lester, que já deve ter chegado aos vinte anos e por isso os personagens são um pouco mais velhos do que no conto. Na verdade, o Príncipe Edward chegou ao trono como Eduardo VI quando tinha apenas dez anos e morreu aos dezasseis. E embora seja admissível ser picuinhas em relação aos sotaques, temos de descartar a incredulidade num filme como esse, quando se trata de factos históricos.

A montagem, de muito boa qualidade, atinge dois deslumbrantes pontos culminantes no início e no fim do filme. Primeiro, quando Tom está trepado a uma árvore de olho na

multidão, à procura de coisas para furtar, há cortes rápidos que vão e vêm de ppaos gerais dele a grandes planos daquilo que ele cobiça, como um anel num dedo ou uma bolsa de dinheiro numa mão. Mais tarde, quando Edward, em trajes de pobre, tenta entrar na Abadia de Westminster antes de Tom ser coroado rei por engano, grandes planos do ponto culminante da coroação (a câmara que recua de um modo que lembra a cena da ponte em **Outubro**, de Eisenstein) alternam rapidamente com as desesperadas discussões à porta da igreja, num contraste marcante entre a solenidade e a desordem. A rapidez com que estas justaposições são feitas é especialmente notável num filme cuja imagem é num formato largo como o Panavision. Nem dissonantes nem brutais, mas criando uma rápida tensão, estas duas passagens são magistralmente controladas por Fleischer e pelo montador Ernest Walter.

Os cenários de Tony Pratt, conjugados à fotografia de Jack Cardiff, dão uma nítida textura aos casebres e aos palácios e grande nitidez de contorno às imagens de modo geral. A falta de ostentação é uma das qualidades do longo plano de abertura, simultâneo ao genérico, ao passo que o bairro miserável onde vive Tom é mostrado do alto, num tom sépia, com um suave círculo de cores a sair de um grupo de figuras à direita do quadro, antes destas figuras. Isto é feito sem estardalhaço, assim como o hábil uso de diversos tons de castanho e cinza no início da ação, antes de vermos os cenários grandiosos do palácio e a magnífica riqueza de um banquete em Guildhall, com uma profusão de pratos dourados, copos prateados e dourados, fatos vermelhos, negros, dourados e brancos. Não menos impressionante é o cavernoso esconderijo dos foradalei e dos mendigos, um sítio de uma miséria romantizada, com os reflexos das labaredas nas paredes e aqueles homens de muletas. O elenco está repleto de estrelas. O papel mais consequente cabe a Oliver Reed, que não é nenhum Errol Flynn mas sai-se muito bem na pele do soldado improvisado Miles Hendon. O Henrique VIII de Charlton Heston, como é evidente, difere bastante do célebre retrato de Holbein e a sua pronúncia inglesa não é das melhores, mas ele consegue transmitir a imagem de um homem forte em fase de declínio.

Gordon Gow